

USO DE IMAGENS E RECURSOS DE FICÇÃO PARA AMPLIAR A LEGIBILIDADE DE TEXTOS ACADÊMICOS

Antônio Suárez Abreu
FCLAR – UNESP; SLMANDIC

Resumo: *Os textos acadêmicos tradicionais, sob o manto da respeitabilidade e do rigor acadêmicos, tornaram-se cada vez mais mal escritos e intimidativos. O autor parece que escreve apenas para seus pares, sem preocupar-se nem mesmo com um público acadêmico mais geral. Além de pouco legíveis, esses textos acabam sendo terrivelmente cansativos e enfadonhos. Este trabalho tem o objetivo de romper essa barreira, propondo redigir textos acadêmicos dentro de narrativas que respeitem o chamado “curso natural dos eventos”, utilizando imagens para traduzir palavras e situações abstratas. Tem também o objetivo de aumentar a legibilidade, a motivação e o design desses textos, fazendo uso de recursos comumente encontrados nos textos de ficção.*

Palavras-chaves: *texto acadêmico, imagens, ficção, legibilidade*

1. Introdução: o texto acadêmico e a tradição

Existe o senso comum disseminado por quase todo o mundo de que o autor de um texto acadêmico tem de preocupar-se apenas com o conteúdo daquilo que escreve. No máximo, tem de percorrer com atenção o campo minado das normas técnicas de citação, do uso das aspas e das abreviações. O resultado são textos que se assemelham a um labirinto, dentro do qual o leitor que sobrevive até o fim estará exausto de tanto ir e vir tropeçando em jargões e infindáveis referências bibliográficas.

Este artigo tem o objetivo de oferecer aos pesquisadores em geral algumas diretrizes que possam conectá-los de forma mais amigável com seus leitores.

Pinker (2014:60), em seu livro *Sense of Style*, nos diz que “Quanto mais você conhece alguma coisa, menos você se lembra de como foi difícil aprendê-la”. Ele chama isso de *maldição do conhecimento*: “A maldição do conhecimento é a única melhor explicação que eu conheço do porquê pessoas boas escrevem prosa ruim.”

Concordo com ele. Um exemplo bastante trivial são os manuais escritos por fabricantes de qualquer coisa. Outro dia, um amigo e eu fomos consultar o manual do automóvel que ele havia comprado, para acertar o relógio do carro. Depois de meia hora, desistimos e ele teve de voltar à concessionária para resolver o problema. Ah! É importante lembrar que ambos temos curso superior completo e um bom conhecimento da língua do nosso país.

2. Do concreto ao abstrato e do abstrato ao concreto

Ao longo da história, à medida em que progredíamos no conhecimento do mundo, tivemos de aprender a fazer abstrações e, como consequência disso, tivemos de criar verbos e substantivos abstratos para nos referir a elas. Ao lado de situações concretas, em que dizíamos que alguém tinha bebido água ou havia levantado uma pedra, tivemos que entrar no reino das abstrações dizendo, por exemplo, que alguém se apaixonou ou que alguém recebeu ou não recebeu permissão para fazer alguma coisa.

Mas, aprendemos também a traduzir esses verbos e substantivos abstratos em imagens concretas para ajudar nossos interlocutores a entender melhor o que queríamos dizer. Assim, na língua inglesa, apaixonar-se foi traduzido pela expressão *to fall in love*, como se o amor fosse um container, uma espécie de armadilha concreta dentro da qual alguém pudesse cair, por acidente. Para ter ou não permissão podemos dizer que alguém recebeu sinal verde ou vermelho, fazendo um “blending” com o código de cores dos sinais de trânsito. Podemos, também, em vez de dizer que alguém não terá condições de fazer algo, dizer, de modo informal, que ele pode tirar o cavalo da chuva, usando uma imagem antiga, do tempo em que éramos movidos a tração animal.

Os Phrasal verbs, em inglês, são um exemplo da substituição de abstrações por imagens. Quando, ao invés de dizer *I admire Mozart and Beethoven*, dizemos *I look up to Mozart and Beethoven*, substituímos o verbo abstrato *to admire* por uma imagem, a de olhar para cima para alguém maior do que nós. Quando, ao invés de dizer *You must reduce your text*, dizemos *You must boil down your text*, substituímos o verbo abstrato *to reduce* pela imagem de um líquido que, ao ferver, diminui em quantidade, em função da evaporação.

Muitas vezes, essas substituições, obedecendo à lei da entropia¹, perdem seus significados originais tornando-se novamente opacos e, portanto, abstratos. É o caso do verbo *acarretar* em frases como: *O número excessivo de tributos no Brasil acarreta muita burocracia nas empresas*. Esse verbo é um derivado parassintético: a + carreta + ar. Significa transportar em uma carreta. Seu uso original como metáfora significa *transportar*. Na frase em questão, utilizando o esquema da imagem de PERCURSO, significa que o excesso de tributos transporta, leva muita burocracia às empresas. Mas esse significado concreto já desapareceu. Tanto é verdade que é muito comum os

¹ Entropia (do grego entropée = em mudança) refere-se à segunda lei da termodinâmica, segundo a qual tudo tende a perder energia, a decair.

usuários da língua utilizarem para *acarretar* a regência do verbo abstrato *resultar* que é *resultar em*, dizendo: *O número excessivo de tributos no Brasil acarreta em muita burocracia nas empresas.*

Na literatura, encontramos, a cada passo, uma quantidade imensa de traduções do abstrato para o concreto. Uma das mais famosas é a que ocorre no *Otelo* de Shakespeare (2011: p. Kindle 1234), quando Iago se dirige a Otelo, dizendo:

IAGO: Acautele-se, meu senhor, contra o ciúme. É ele o monstro de olhos verdes que zomba da carne com que se alimenta.

Essa tendência está ancorada em uma característica de nossas mentes, segundo Damásio (2018), que nos diz que: “Toda a mente é feita de imagens desde a representações de objetos e eventos até seus conceitos e traduções verbais correspondentes. Imagens são o símbolo universal da mente.”

3. Blending e a natureza humana

O processo de blending, por meio do qual nossa mente aproxima coisas ou eventos entre si, criando associações de diversos tipos entre eles, promovendo “insights”, faz parte da natureza humana e acontece, quase sempre, de modo inconsciente:

Blending não é alguma coisa que fazemos em acréscimo ao nosso viver no mundo. É a nossa maneira de viver no mundo. Viver no universo humano é ‘viver dentro do blend’ ou, antes, viver dentro de muitos blends coordenados. (FAUCCONNIER & TURNER, 2002: 390) ²

Há trinta mil anos, nossos ancestrais fizeram um blending entre um pedaço de pau e uma pedra e criaram o machado de pedra. Quando batizamos uma criança, fazemos um blending entre a água derramada sobre a cabeça da criança e sua entrada no seio da Igreja.

Entre os vários processos de blending, ganham destaque a metonímia e a metáfora. Nossa percepção do meio ambiente em que vivemos é metonímica e multimodal. Quando vemos uma pessoa sentada do outro lado da mesa, vemos apenas parte dela, mas nossa mente nos diz que estamos diante de uma pessoa inteira. Fazemos um blending entre a parte que vemos e ela inteira, que está presente em nossa memória de longo prazo. Quando atendo ao telefone e ouço a voz da

² No original: “Blending is not something we do in addition to living in the world; it is our means of living in the world. Living in the human world is “living in the blend” or, rather, living in many coordinated blends.”

minha mãe, não preciso perguntar quem está falando, pois sua voz é parte dela própria e minha mente faz esse blending. Quando sinto o cheiro de café, ao entrar em casa, faço um blending com o café, por meio do olfato. As metáforas, que são usadas para concretizar coisas e eventos abstratos, seguem o mesmo processo. Quando digo que Sebastian Vettel foi um leão, no grande prêmio de Mônaco, faço um blending entre um leão (sua força e coragem) e o corredor de Fórmula 1.

Lendo qualquer jornal, é muito fácil ver o uso de metáforas para concretizar situações abstratas, como nos seguintes exemplos:

Notícia boa para quem **briga com a balança**.

Qualquer um que ganhe muito peso ou perca peso e o consiga de volta simplesmente não conseguiu equilibrar o **talão de cheques calórico**, que pode ser corrigido renegando alimentos gordurosos ou carboidratos.³

As privatizações e concessões à iniciativa privada são um dos **pilares da política econômica** do ministro Paulo Guedes, que, de um lado, **joga todas as fichas na reforma da Previdência** para **detonar o déficit público** e, de outro, articula uma abertura crescente ao capital privado para retomar investimentos, **aquecer a economia**, gerar empregos e renda.⁴

Em um texto acadêmico é perfeitamente possível utilizar essa estratégia. Vejamos, primeiramente, um trecho de um texto acadêmico original, na área de Odontologia:

Em uma cirurgia, quando temos de extrair o terceiro molar no maxilar inferior, há um problema adicional, porque a raiz desse dente fica muito próximo ao nervo alveolar inferior (NAI), e qualquer dano acidental nesse nervo pode causar parestesia permanente no paciente.⁵

Vejamos, agora, uma versão desse texto utilizando uma imagem com o objetivo de concretizar o problema da proximidade do nervo alveolar inferior à raiz do terceiro molar inferior:

Em uma cirurgia, quando temos de extrair o terceiro molar no maxilar inferior, um vilão pode entrar em cena: a proximidade da raiz desse dente com o nervo alveolar inferior (NAI). Qualquer dano acidental nesse nervo pode causar parestesia permanente no paciente.

O que fizemos foi um blending entre proximidade e vilão, transformando a proximidade da raiz do terceiro molar com o nervo alveolar inferior em um agente, seguindo a lição de Williams

3 Jornal O Estado de S. Paulo, 17.07.2019

4 Jornal O Estado de S. Paulo, 9.06.2019

5 www.periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/rcisaude/article/view/6514

(2015:20) quando diz: “Você pode usar os princípios dos verbos como ações e sujeitos como personagens para explicar por que seus leitores julgam sua prosa, como eles fazem.”⁶ Diz mais à frente que:

Leitores desejam ações em verbos, mas querem personagens como sujeitos, além disso. Nós criamos um problema para os leitores quando, não por boas razões, nós não pomos personagens como sujeitos, ou pior, quando os apagamos completamente. É importante expressar ações em verbos, mas o primeiro princípio para um estilo claro é este: faça com que os sujeitos da maioria dos seus verbos sejam os personagens principais da sua história. (WILLIAMS, 2015)⁷

O que mudou na segunda versão do texto de Odontologia? Além de termos transformado um evento em um agente, por meio de *blending*, criamos um plot com suspense, em que o dentista pode vir a ser o herói, vencendo a parestesia. Um outro recurso, portanto, além de usar imagens para concretizar situações abstratas é criar narrativas e, se possível, incluindo suspense e surpresa (cf. TOBIN: 20108).

Vejamos agora um texto original na área de saúde mental:

Violências e problemas de saúde mental⁸

Pesquisas internacionais vêm indicando a associação entre vivenciar violências e sofrer problemas de saúde mental ao longo do ciclo de crescimento e desenvolvimento humano. Estudo realizado com crianças de 6 a 10 anos numa vizinhança pobre e violenta em Washington, Estados Unidos indica que a exposição a esse tipo de fenômeno (ser vitimizado ou ser testemunha) está associada com sintomas de sofrimento mental, tais como ansiedade, depressão, distúrbios de sono e pensamentos intrusivos⁷¹. A associação da violência familiar e comunitária com problemas de comportamento internalizantes e externalizantes, apontando que a forte relação entre violência comunitária e o funcionamento mental da criança acontece porque seu senso de segurança é ameaçado, prejudicando o seu crescimento e desenvolvimento. Outros estudos confirmam a associação entre vitimização por violência com problemas físicos, transtorno de estresse pós-traumático, falta de concentração na escola, distúrbios do sono e hipervigilância⁷³⁻⁷⁵.

Vejamos, agora uma outra versão, simulando uma narrativa e utilizando imagens obtidas por *blending*:

⁶ No original: “You can use the principles of verbs as actions and subjects as characters to explain why your readers judge your prose as they do.”

⁷ No original: Readers want actions in verbs, but they want characters as subjects even more. We create a problem for readers when for no good reason we do not name characters in subjects, or worse, delete them entirely. It is important to express actions in verbs, but the first principle of a clear style is this: make the subjects of most of your verbs the main characters in your story.

⁸ Simone Gonçalves de Assis; Joviana Quintes Avanci; Renata Pires Pesce; Liana Furtado Ximenes. Centro Latino-Americano de Violência e Saúde Jorge Careli, Fiocruz. Av. Brasil 4036/700, Mangueiras. 21040-261. Adaptado.

Violências e problemas de saúde mental

A lembrança de ter sofrido violência ou ter testemunhado violência sequestra a segurança da criança. Sem esse escudo protetor, sua mente é invadida pela ideia de que alguma coisa ruim está sempre prestes a acontecer. São os pensamentos intrusivos. A criança começa a ficar ansiosa, depressiva e a não confiar em ninguém. Distúrbios do sono, hipervigilância e perda de concentração na escola começam a trabalhar no piloto automático e travam a bússola dos seus sentimentos na direção oposta ao desenvolvimento. Esse foi o resultado de um estudo envolvendo crianças entre 6 e 10 anos de idade, em uma periferia pobre e violenta de Washington. Pesquisas internacionais confirmaram os efeitos adversos desse caminhar para lugar nenhum.

Nessa versão alternativa, transformamos eventos (distúrbios do sono, hipervigilância, perda de concentração) em sujeitos agentes. Utilizamos, também, imagens concretas como *sequestrar*, *escudo protetor*, *mente invadida*, *piloto automático*, *bússola*. Outra coisa que fizemos foi reordenar os fatos dentro de uma iconicidade temporal, de acordo com a proposta de Lakoff, apud Petruk (1996):⁹

Lakoff (1986:153) se posiciona contra uma explicação puramente sintática da restrição da estrutura de coordenadas. Mais especificamente, Lakoff propõe uma noção de um “curso natural de eventos” caracterizado em termos de uma semântica do entendimento. Os “cursos naturais de eventos” ou “cenários” de Lakoff são “organizações holísticas de estados e eventos humanamente construídas”.

Um exemplo disso são as ordenações cronológicas entre as orações, para facilitar o entendimento. Vejamos as seguintes frases:

Maria chegou em casa, tomou banho e foi dormir.

Maria foi dormir depois de ter tomado banho quando chegou em casa.

A primeira frase respeita o curso natural dos eventos. Por isso é mais fácil entendê-la. Já a segunda, utilizando a subordinação, subverte essa ordem, e quem lê tem mais dificuldade de entender. Às vezes, é preciso até mesmo ler de novo.

4. Por que tudo isso funciona

Bem, mas por que criar narrativas coloridas por emoções torna mais fácil a leitura? A resposta é: por causa do design dos afetos. Ou, como diz Cron (2016:13)¹⁰: “O que realmente causa grande

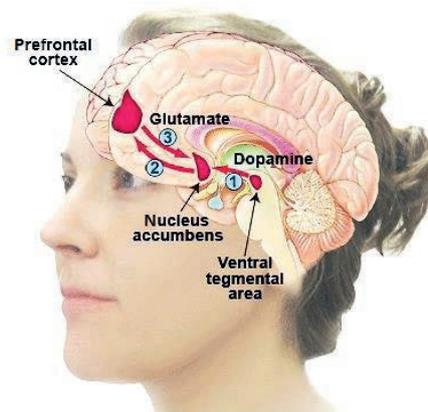
⁹ No original: Lakoff (1986: 153) argues against a purely syntactic account of the coordinate structure constraint. More specific, Lakoff proposes a notion of a “natural course of events” characterized in terms of a semantics of understanding. Lakoff’s “natural courses of events” or “scenarios” are “hu-manly-constructed holistic organizations of states and events”.

¹⁰ No original: “What actually causes that great felling is a surge of the neurotransmitter dopamine. It’s a chemical reaction triggered by the intense curiosity that an effective story always instantly generates.”

emoção é um pico do neurotransmissor dopamina. Trata-se de uma reação química desencadeada pela intensa curiosidade que uma história eficaz sempre gera instantaneamente.”

Mas, não se trata apenas de “intensa curiosidade”. A moderna neurociência, com base em testes de ressonância magnética do cérebro, demonstra que superar desafios, vencendo situações perigosas, libera dopamina em nosso cérebro em uma região denominada núcleo accumbens.¹¹ O núcleo accumbens é a região do cérebro responsável pelo prazer. Tudo que nos faz felizes libera dopamina no núcleo accumbens, como comer alguma coisa gostosa, amar ou estar com quem amamos.

Figura 1- *Nucleus Accumbens*



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcROlhyVfSFbdDIaxZL-kH3hNmUU1KqT6YFT0dtn_C9PL3xe2q0D>

É por esse motivo que sentimos prazer em praticar esportes radicais como rafting, body jumping, ou participar em jogos de azar como pôquer, apostar em corrida de cavalos etc. Mas, uma forma mais inteligente de sentir esse prazer é, em vez de enfrentar pessoalmente um perigo, fazer um “blending” entre nós e um perigo longe de nós. Ver o herói vencer, ver um final feliz também liberam dopamina em nosso núcleo accumbens. Aristóteles chamava isso de catarse. No futebol, por exemplo, experimentamos grande alegria quando nosso time vence, embora não tenhamos feito nenhuma jogada espetacular ou marcado nenhum dos gols da vitória. O mesmo acontece, quando lemos uma boa obra de ficção e nos identificamos com um personagem ou com uma situação de superação. Mário Vargas Llosa, o grande escritor peruano, vencedor de um prêmio Nobel, diz o seguinte a respeito da ficção:

Condenados a uma existência que nunca está à altura dos seus sonhos, os seres humanos tiveram de inventar um subterfúgio para escapar do seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção. Ela lhes permite viver mais e melhor, ser outros sem deixar de ser o que são, deslocar-se no tempo e no espaço, sem sair do seu lugar nem da sua hora, e viver as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou trair o coração.¹²

11 https://www.google.com.br/search?q=nucleus+accumbens&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiR-aaA_uTjAhVsK7kGHRV-qB94Q_AUIESgB&biw=1384&bih=982#imgrc=8rr786nm79xOcm:

12 Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 1995.

O grande poeta latino Lucrecio cunhou a expressão “Suave mari magno” em seu poema *De Rerum Natura*, referindo-se ao prazer que sentimos ao perceber que estamos livres dos perigos que ameaçam outras pessoas. O sofrimento dos outros seria, para nós, um grande mar suave. Vejamos um trecho desse poema:

Agradável é, quando, no mar imenso, os ventos revolvem as águas,
da terra assistir à imensa angústia de outros;
não que a desgraça de alguém seja deleitoso passatempo,
mas conhecer os infortúnios de que tu próprio estás livre, isso é agradável.
Agradável é até contemplar as imensas competições da guerra,
dispostas ao longo do campo de batalha, sem que seja tua uma parte do perigo;
Nada há de mais agradável do que habitar as elevadas
planuras, serenas e erguidas pela ciência dos sábios,
de onde possas olhar para baixo e ver por todo o lado os homens
errarem em busca de um caminho para a sua existência transviada,
a competir em talento, lutando por honrarias.¹³

Por esse motivo é que proponho utilizar recursos de textos de ficção como uma espécie de “blue-print” para escrever textos acadêmicos. E é por esse motivo também que concordo plenamente com Stein (2014:7), quando ele diz:

Embora a proposta explícita do texto não ficcional seja veicular informação, se ela permanece em estado bruto, a escrita dá uma impressão de uma coisa simplória, de fatos em preto e branco em um mundo colorido. O leitor, precocemente entediado, anseia por imagens, narrativas, caracterizações e precisão que fazem a escrita informativa ganhar vida em uma página. É por isso que as técnicas de ficção podem ser de tão grande ajuda para escritores de textos não ficcionais. Quando escrevemos apenas pondo no papel aquilo que pensamos, ou que acreditamos que sabemos, damos pouca atenção ao efeito que causamos no leitor. Isso é descortês na vida real e um insucesso quando escrevemos.¹⁴

13 <http://trabalharcansa09.blogspot.com/2009/10/lucrecio-de-rerum-natura-21-61-suave.html>

14 No original: “Though the ostensible purpose of nonfiction is the conveyance of information, if that information is in a raw state, the writing seems pedestrian, black-and-white facts in a colorful world. The reader, soon bored, yearns for the images, anecdotes, characterization, and writerly precision that mark information writing come alive on the page. That is where the techniques of fiction can be so helpful to the nonfiction writers.”

E, quando diz também¹⁵:

Pesquisadores, cientistas e acadêmicos tratam os fatos em um alto nível, mas, com sua desatenção ao poder emotivo da linguagem, eles frequentemente falam somente uns aos outros; as suas palavras paroquiais caem como areia em um deserto particular.

A despeito da nossa alegada reverência em relação aos fatos, a verdade é que a nossa adrenalina sobe mais quando responde a uma expressão afetiva. Quanto um escritor ou orador entende a eletricidade de um símile criativo e metáfora, sua escolha de palavras impulsiona nossos sentimentos, sua linguagem chama nossa atenção, aceitação e ação. Quando Shakespeare fala, quando Lincoln faz seus discursos, nós somos movidos não pela informação, mas pela excelência das suas falas. (STEIN, op. cit.:10)

Vejamos um outro texto acadêmico original, seguido de uma versão em que aplicamos tanto a reordenação dos eventos obedecendo à iconicidade temporal quanto o uso de imagens dentro de um plot:

Texto original:

Durante a gravidez ocorrem diversas transformações fisiológicas, físicas e psicológicas no organismo da mulher. Por essa razão, retrata-se a relevância do acompanhamento qualificado por uma equipe multidisciplinar de saúde em conjunto com o cirurgião-dentista durante o pré-natal. Nesse sentido evidencia-se que as complicações durante a gravidez podem repercutir, inclusive, na cavidade bucal. Deste modo, vale ressaltar que as orientações durante o pré-natal acerca dos cuidados preventivos e educativos, controle da placa bacteriana, alimentação saudável e higiene bucal, devem ser abordados durante todo o tratamento odontológico da gestante. Diante disso, este trabalho teve por objetivo realizar uma revisão bibliográfica enfatizando a importância do pré-natal odontológico.¹⁶

15 “When we write, we put down on paper what we think, know, or believe we know and pay little attention to the effect on the reader. That is discourteous in life and unsuccessful in writing.”

No original: “Researchers, scientists, academicians marshal their facts to a higher standard, but with their neglect of the emotive power of language they often speak only to each other, their parochial words dropping like sand on a private desert.” “Despite our alleged reverence for fact, the truth is that our adrenaline rises most in response to effective expression. When a writer or speaker understands the electricity of fresh simile and metaphor, his choice of word empowers our feelings, his language compels our attention, acceptance, and action. When Shakespeare speaks, when Lincoln orates, we are moved not by information but by the excellence of their diction.”

16 <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/odontologia/pre-natal-odontologico-para-gestantes>

Texto reescrito:

Durante a gravidez, ocorrem diversas transformações fisiológicas, físicas e até mesmo psicológicas no organismo da mulher. Pode haver, inclusive, impactos importantes na cavidade bucal. A falta de remoção adequada da placa bacteriana dos dentes, por exemplo, mantém sobrecarregado o sistema imunológico que, tendo que eliminar do sangue, de modo contínuo, as bactérias advindas da placa, baixa a guarda diante de outras ameaças como infecções na garganta, nos ouvidos, no sistema urinário etc., prejudicando, também, a saúde do feto. Por esse motivo, é importante que um cirurgião-dentista seja incluído na equipe multidisciplinar que vai cuidar da gestante. Simples orientações sobre higiene bucal e limpeza construirão uma rede de proteção tanto para a mãe como para o futuro bebê. Este trabalho tem por objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a importância de um pré-natal odontológico.

O texto original principia defendendo a participação de um dentista na equipe multidisciplinar que cuida do pré-natal de uma gestante. Depois, relaciona problemas bucais que justificam essa inclusão e volta, depois, ao tema inicial. No texto refeito, houve a preocupação em obedecer a uma ordem cronológica (iconicidade temporal), iniciando pelos efeitos nocivos da placa bacteriana. Isso gera uma espécie de suspense, uma vez que põe em risco a gestante e o feto. A participação do dentista na equipe multidisciplinar corresponde a um “final feliz”. Houve, também, a preocupação em usar imagens por meio de metáforas como *impacto*, *baixar a guarda* e rede de proteção.

Conclusão

Quando se escreve sobre temas científicos em boa parte do mundo, incluindo o Brasil, a preocupação com a linguagem se tem restringido, por tradição, à correção ortográfica e gramatical do texto e à observação das regras de citação e de referência bibliográfica. Espero que este meu artigo tenha demonstrado que apenas isso não basta. Que é preciso inovar, pondo foco no leitor, como se estivéssemos conversando com ele. Fazer uso de narrativas apropriadas e de imagens, muitas vezes utilizando comparações e metáforas, não é trivializar a ciência, dessacralizando-a. Ao contrário, é demonstrar respeito ao leitor, dando ao texto um design ergonômico que atraia a sua sensibilidade, potencializando o entendimento e a vontade de seguir pesquisando e exercendo o pensamento criativo.

Referências

- CRON, Lisa. *Story Genius: how to use brain science to go beyond outlining and write a riveting novel*, New York: Ten Speed Press, 2016.
- DAMÁSIO, António. *A Estranha Ordem das Coisas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*, New York: Basic Books, 2002.
- LAKOFF, George. 1986. Frame semantic control of the coordinate structure constraint. In *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory*, ed. by Anne M. Farley, et. al., 152-167. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- PETRUCK, Miriam R. L. Frame Semantics. In J-O. Östman, J. Verschueren, and J. Blommaert (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- PINKER, Steven. *The sense of style: the thinking person's guide to write in the 21st century*, New York: Penguin Books, 2014.
- SHAKESPEARE, William. *Othelo*, trad. Beatriz Viegas-Faria, Porto Alegre: L & PM Pocket, 2011.
- STEIN, Sol. *Stein on Writing*, New York: Saint Martin's Press, 2014.
- TOBIN, Vera. *Elements of Surprise: our mental limits and the satisfaction of plots*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.
- WILLIAMS, Joseph M. *Style: the basics of clarity and grace*. 5th ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.